

## Os artistas opinam:

Vera Artaxo

**CLAUDIO TOZZI** — É fundamental transformamos a Bienal num acontecimento realmente importante e significativo, como mostra da produção artística nos seus diversos setores. Para isso, é necessário uma mudança em sua estrutura. E preciso que ela seja um órgão atuante durante doze meses por ano, documentação, pesquisando e participando mais diretamente da produção da obra de arte.

Também é importante que a exposição não se limite ao espaço físico do prédio da Bienal: vários espaços da cidade poderiam ser ocupados por obras e manifestações de arte. É fundamental que se utilizem os meios de comunicação de massa para que sua divulgação seja mais ampla. Assim, a mostra deveria ser transformada em livros, cinema, vídeo-tape, para serem levados a uma camada mais ampla da população.

**LOURDES CEDRAN** — Dentro da atual estrutura que a reger, a Bienal é um evento completamente superado. Essa que está se realizando *achei confusa, e cito como exemplo o fato de colocarem nossos artistas primitivos, como G. T. O. e Antônio Pereira, dentro da Arte Incomum, o que representa, em termos didáticos, uma informação errônea. São excelentes os trabalhos das representantes da Arte Incomum, mas confundidos com artistas primitivos é um erro gritante!* Faço, porém, uma ressalva à bellissima sala dedicada a Paul Delvaux.

A Bienal deveria ser transformada numa instituição de pesquisa e experimentação artística permanente, com funcionamento contínuo. Dessa forma, a cada três anos se realizaria uma Trienal em que se apresentariam as manifestações internacionais, bem como o produto das experiências ali realizadas nesse período.

**NORBERTO NICOLA** — A Bienal está ali e de seus frutos.



Leda Paulo Baravelli

Considero uma vitória esta nova safra por estar entre nós, e evidente que a 1.ª Bienal de São Paulo é uma versão transitoria do patrimônio cultural brasileiro que sempre foi. Contudo, percebo ali a possibilidade de uma realização mais abrangente e condizente com a realidade contemporânea da arte. Isso porque, pela primeira vez, vejo um pensamento crítico orientando a exposição, com a eliminação da divisão geográfica e a organização por analogias de linguagens. Os equívocos, é claro, ainda existem no resultado final: a Bienal não possui organização. Temos algumas salas antológicas totalmente deslocadas, e a exposição de arte postal, nestes moldes, anula a sua própria natureza.

A sala da Arte Incomum, para mim, foi o maior erro. Não só pela qualidade das obras que vi, mas porque senti que é na alienação daqueles artistas que os "outros" artistas devem pensar. Talvez os meios de comunicação, os interesses de várias naturezas, as promoções de cada país, os artistas que querem uma promoção rápida, os interesses das vanguardas, as manifestações que querem se tornar cada vez mais importantes através da agitação em torno delas, talvez todo esse contexto seja responsável pela transformação das representações da Bienal. Já não é mais o artista fazendo sua carreira e sua consagração dentro do seu local de trabalho, como deve ser, mas uma outra coisa.

A conclusão a que cheguei visitando a sala de Arte Incomum é que o artista deve pensar que a comunhão do seu eu com sua obra é o que deve reger a produção artística, e cabe à Bienal localizar e voltar seus olhos para essas manifestações, e não mais para correntes plásticas, escolas de arte, onde o processo é invertido: não são artistas que formam uma corrente, mas correntes que pretendem formar artistas. Devemos voltar os olhos para o particular, o individual, que fazem parte da geral, não as generalizações. O artista vive no mundo. Entretanto, ele tem dentro de si todo um mundo particular e complexo. A obra é que vai estabelecer o elo entre esses dois pólos.

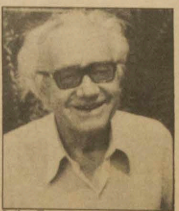


Lourdes Cedran

**GISELDA LEIRNER** — É evidente que a 1.ª Bienal de São Paulo é uma versão transitoria do patrimônio cultural brasileiro que sempre foi. Contudo, percebo ali a possibilidade de uma realização mais abrangente e condizente com a realidade contemporânea da arte. Isso porque, pela primeira vez, vejo um pensamento crítico orientando a exposição, com a eliminação da divisão geográfica e a organização por analogias de linguagens. Os equívocos, é claro, ainda existem no resultado final: a Bienal não possui organização. Temos algumas salas antológicas totalmente deslocadas, e a exposição de arte postal, nestes moldes, anula a sua própria natureza.

**LOTHAR CHAROUX** — Continuo a dizer, como sempre, que sou a favor da existência da Bienal, apesar dos pesares. O seu fechamento seria prejudicial à arte. Esta Bienal está um pouco mais fraca do que as outras, um pouco sossegada, com pouca coisa sensacional, que é o que todo mundo espera das Bienais; mas ainda assim há coisas válidas. Sobre o problema do gosto de verbas, muitas vezes motivo de crítica, é bom lembrar que há outras coisas em que também se gasta muito dinheiro. O orçamento da Bienal é válido, tudo o que se faz para impulsionar a arte é válido. Já houve Bienais muito boas e acho que haverá outras melhores do que esta.

**MIRA SCHENDEL** — É claro que uma exposição tão grande de dois em dois anos, numa cidade como São Paulo, em que uma parte pequena da população tem acesso às galerias de arte, faz muito sentido. O nosso modo de enxergar é que mudou. A Bienal hoje está ligada a um contexto extremamente árduo, num momento de crise mundial, com inúmeros problemas sociais e econômicos. Como uma amostragem do que se faz no mundo, ela evidencia essa situação e é um bom veículo de tomada de consciência. Não podemos estar sempre no



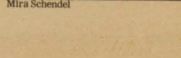
Lothar Charoux

consumismo, à procura do novo, do novo sempre. Essa é uma Bienal percorrida, bem montada e modesta. E um convite à reflexão, colocando muitas perguntas enquanto manifestação e produzindo inquietação frente ao imobilismo. Justamente por dar uma sensação de "dejá vu" e não responder à exigência do novo, ajuda a gente a cair em si talvez seja o certo neste momento, um pouco de contenção, de modestia e de sobriedade.

Essa Bienal nos traz a chance de percebermos nossa necessidade de estímulos muito fortes, de um progresso contínuo, e nos faz pensar: será que já não temos sensibilidade para perceber o que é simples, o que é modesto? Será que não esperamos sempre demais? Será que nossa atitude voraz em busca de novidades não é exagerada? Será que a decepção de alguns não surge de uma contínua esperança lusória?

**RENINA KATZ** — Nos primeiros anos, a Bienal teve maior importância, não só pela qualidade artística, mas pela função didática que a vinda as obras de grandes artistas proporcionava aos que não podiam viajar. Na verdade, as Bienais no mundo todo tinham essa função, perdida com o passar dos anos. Perderam até o interesse artístico. Essa não chega a corresponder às expectativas de uma grande exposição internacional, o que vem ocorrendo há alguns anos.

Mas acho que a Bienal ainda tem um papel. Alguns acham que ela deve ser reformulada, mas não aparecem ideias milagrosas. A crise é mais profunda e levanta questões: será que a Bienal, como forma de exposição, ainda vale? Se vale, por que não desperta o mesmo interesse? Alguns falam em acabar com ela, mas o que vão colocar no seu lugar? Se houver um meio de transformação, sim, porque agora não podemos nos dar ao luxo de radicalismos. De qualquer modo, a Bienal deixou de ser uma exposição estimulante há muitos anos.



Gerda Brentani

# Cada cabeça, uma sentença



Marina Delvaux

Inauguração da 1.ª Bienal, em Veneza, achei o fenômeno alucinante. Acompanhar várias. O que se percebe é que quanto mais passa o tempo e mais se desenvolvem as comunicações, mais aumenta a similaridade das obras. Eu acho que isso tem sentido.

Esta que se realiza não está organizada à altura de uma Bienal, da qual o mundo inteiro deveria participar. Falam em duzentos artistas e mil obras na propaganda: só que isso é pouquíssimo. Uma Bienal começa a ser interessante a partir de três mil obras. Mas se houver interesse suficiente para não deixá-la morrer, ela pode renascer, melhor.

**GERDA BRENTANI** — Desde a



Gerda Brentani

**ODETTO GUERSONI** — Eu



Odetto Guerisoni



Claudio Tozzi

melhor organizada. Sabe, a fachada de que se critica é inelutável, pois é muito fácil destruír.

\* \* \*

**VLASIOS VLAVIANOS** — Vamos começar a analisar por ordem. A parte dos artistas convidados foi muito bem montada, embora haja etiquetas trocadas tanto quanto à origem do artista, como quanto à técnica utilizada. A parte da arte postal... lá eu fiquei perdido, porque ela deve ser manuseada e aquelas coisas pequenas na parede tornam-se cansativas. Na terceira parte, temos a arte que foi apresentada na Europa como arte alternativa, depois como arte marginal, e batizada aqui com o nome de Arte Incomum.

Essa exposição é uma visão muito européia da arte Incomum. Garden de Hong Kong, Falta Simon Rodia, falta James Hampton. Esqueceram gente como Clarence Smith e o padre Matthias Werner. Nessa parte, eles erraram trazendo uma coisa pronta há vinte anos atrás e ignorando as pesquisas desenvolvidas pela Universidade de Cornell e pelo Whitney Museum of American Arts. Apresentam uma visão muito elitista e esquecem o lado popular dessa arte, muito desenvolvido principalmente nos Estados Unidos.

Apesar dessas críticas, acho que há muitos pontos bons, e a exposição é de alto nível. Uma coisa que me impressiona é que a visitação é muito grande e que por isso, justamente, deveriam organizar melhor.

**MARINA DELVAUX** — Delvaux vale a Bienal, por sua obra tão interiorizada, tão séria. Nas obras gráficas, a presença da Bulgária e da Teosofia, de um de



Marina Delvaux



Renina Katz

senhista alemão e um artista da Coreia do Sul são surpreendentes. Para mim a Bienal não é o tamanho, mas a qualidade, e é necessário que ela sobreviva. E o pode cumprir uma função apresentando obras realizadas, e não precisas ser monumental. Cinco grandes artistas já seriam suficientes para justificar uma Bienal. Há uma tendência de só se considerar o novo, mas acho que uma obra sincera, autêntica, sempre vale. Arte é abstração, espontaneidade. Não gosto de teorizar muito. A Arte Incomum confunde um pouco o público, não muito bem informado, e por isso acho que não deveria estar lá. No entanto, vale a pena tentar salvar a Bienal, melhorando, trazendo gente de valor.

\* \* \*

**LUIS PAULO BARAVELLI** — Acho que existem dois tipos de arte: a capitalista e a burocrática. E a terceira, que realmente é uma não-opção que é a arte marginal. A arte capitalista é produzida por iniciativa particular, tem alternativas de venda e é vendável; seu processo de seleção natural é o mercado. A arte burocrática só existe durante um evento patrocinado por uma instituição, é financiada por entidades, em geral paragonamentais, e é declaradamente invendável; seu processo de seleção "natural" é o apadrinhamento e o chantage intelectual.

A arte capitalista é ruim, a burocrática é pior. A vitalidade da Bienal existiu enquanto foi uma feira de amostras da arte capitalista. Havia prêmios e interesse do País em ganhar estes prêmios; era uma confirmação da hegemonia cultural e política. Quando a Bienal eliminou os prêmios, e agora os países, ela se tornou tão

interessante quanto uma exposição de painéis fotográficos de barragens financiados pelo BNDE.



Vlasios Vlavianos

Apesar da "competência", o que ela mostra é uma televisão ruim, um teatro amador, uma arte tradicional, que tenta ser "diferente", uma revolução simbólica. Muita gente virá, mas números não criam automaticamente significados. No seu conjunto, ela não quer dizer nada. E claro que alguém pode se encantar com o trabalho de algum artista lá no meio. Estou falando da entidade em si.

O que fazer? O seguinte: transformar o terceiro andar inteiro em estúdio (com moradia inclusiva) e convidar uns cem artistas locais e de outros lugares e países para ficar um tempo longo e trabalhar. Exportar continuamente a produção nos dois andares restantes. Colocar um bar. Levar estudantes para lá. Dar festas. Sujo, perigoso e vivo, seria um bom tema.

**ANTÔNIO HENRIQUE AMARAL** — Essa Bienal se caracteriza por nenhuma originalidade e reflete a arte das metrópoles. A característica mais marcante, no entanto, é a grande subserviência da arte. Tem um espírito profundamente colonizado e é de uma pobreza muito grande. Em matéria de vanguarda é acadêmica. Foi a Bienal que eu percorri mais depressa, porque não havia nada que me detivesse.

O que mais me impressionou foi a arte nacional, e a coisa mais interessante que ela tem é a arte inconsciente: só que o nosso problema é justamente o de conscientizar. Arte para mim é sempre um processo civilizatório. A arte inconsciente é curiosa, mas não um esforço estruturado de conscientização. Os processos criativos da obra de arte são, na verdade, um exemplo de que a criatividade está ao alcance de



Antônio Henrique Amaral

tudo mundo, é comum a todo ser humano. Uma das funções que a Bienal deveria ter é a de estimular processos mentais, emocionais, e promover a participação coletiva na vida cultural, promover a manifestação cultural livre. Mas está a um péssimo reflexo do que tem sido as Bienais tradicionais. Como o brasileiro não viaja, não tem acesso à arte, a Bienal seria uma oportunidade importante para seu desenvolvimento cultural.

Muitas coisas poderiam ser feitas para melhorar a Bienal. Por exemplo, podíamos aproveitar o enorme vínculo que temos com os negros, maioria de nossa população. Por que não uma Bienal Negra? Por que ficarmos em quilômetros de arte postal exposta naquela situação, numa ideia infeliz? Por que fazer vídeo-arte no Brasil, essa coisa de elite com a qual temos tão pouco a ver? Numa Bienal Negra, extrairíamos, em contato, política e culturalmente, com todas as nações africanas; seria uma coisa próxima da coletividade, seria popular.

Precisamos ter mais ousadia para que consigamos assumir nosso destino. Nós somos um povo que está procurando sua expressão artística, temos uma coisa nossa que está em formação, daí a possibilidade de desenvolvermos nossa identidade. Uma Bienal Negra viria a dar um lastrado cultural para uma grande parcela da população, uma quantidade de informação para esse povo faminto de coisas novas. Se ficarmos nessa rotina da arte do inglês, da arte do francês, nunca saberemos quem somos, e os "brasilianistas" estão ali.

A Bienal Latino-Americana seria outra tentativa nesse sentido. Tinhamos que ser mais criativos para organizar Bienais. Tenho viajado pela América Latina, expus várias vezes no México, e vi lá um profundo valor que é dado às coisas culturais. O povo mexicano conhece seus artistas e isso eleva o moral, torna a vida do cidadão mais digna. O Estado promove isso e os ideais não ficam tão distantes do povo, como aqui. As artes visuais se incorporam na vida cultural do país, ao contrário do que ocorre no Brasil.

Não quero que a Bienal acabe. Ao contrário, quero que se torne um órgão atuante durante o ano inteiro, que se amplie, e que faça suas exposições periódicas. Mas sem esse vício de Europa e Estados Unidos. O mundo inteiro está ali para ser mostrado e o povo quer ver. E preciso desintelectualizar a Bienal e utilizar suas manifestações para a produção de sua identidade.



Odetto Guerisoni